ALGUNS ELEMENTOS DO FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO NO BRASIL: UM OLHAR SOBRE DINÂMICAS NO CRISTIANISMO

Sergio Sezino Douets Vasconcelos[1]

Bill Clinton Nunes Silva[2]

Resumo

A cultura ocidental passa, atualmente, por uma profunda crise de paradigma. A modernidade estruturada a partir da subjetividade e da razão, chegou, para muitos autores no seu esgotamento. As grandes utopias modernas não conseguiram realizar o que profetizaram nos seus projetos de emancipação (BAUMAN, 2017). Por outro lado, conforme Berger e Luckamann (2004), a modernidade além desencadear processos de racionalização e secularização provoca uma pluralidade de ofertas dê sentidos, gerando, inevitavelmente, uma crise de sentido (único) na contemporaneidade. Se antes a identidade do indivíduo era herdada culturalmente, agora, ele está entregue ao risco de ter que fazer escolhas. Diante deste contexto, Berger e Luckamann apresentam duas posturas, diante de tal fenômeno: o relativismo e o fundamentalismo cultural e religioso. Este trabalho tem como objetivo analisar a partir de Berger e Luckamann algumas características do fundamentalismo no cristianismo na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Crise de sentido. Relativismo. Fundamentalismo.

INTRODUÇÃO

O ser humano é um ser simbólico por natureza, ele está transpassado pela pergunta do sentido, tem que construir e dar um sentido (plausibilidade) à sua própria existência. Dessa pergunta ele não pode fugir. Ele não pode se abster, mesmo que ele fuja, para lugares ilusórios de segurança e deposite

[1] Doutor em Teologia Westfälische Wilhelms Universität Münster/ Alemanha. Possui Licenciatura em Filosofia, pela Universidade Católica de Pernambuco (1991) e graduação em Teologia (1992). E professor do Programa de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Ciências da Religião e do Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Teologia, na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Atualmente é Coordenador do Curso de Bacharelado em Teologia. E-mail: sergio.douets@unicap.br

[2] Mestrando no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. E-mail: nunesbillclinton@gmail.com

sua liberdade nas mãos de outros, que lhe "diga" o certo e o errado. Neste sentido, todos nós somos transpassados pela pergunta do sentido. Cada um sabe a dor e a delícia que é dar sentido à sua própria existência.

É inquestionável que a sociedade atual passa por uma profunda crise de legitimação e, consequentemente, de sentido (BERGER; LUCKMANN, 2004). Ou, no mínimo, da crise do que se convencionou como "sentido único da existência". A modernidade, fundada nos seus dois princípios fundamentais, a saber, a subjetividade e a razão, trouxe, com ela, inevitavelmente, processos de racionalização, desmembrando dimensões da vida, até então atreladas à dimensão religiosa, na cultura pré-moderna. Essas dimensões tornaram-se autônomas, com logicas próprias, independentes, na sua própria dinâmica, da espera religiosa. Os múltiplos processos de racionalização geraram, consequentemente, os processos de secularização (BERGER; LUCKMANN, 2004). A religião, que anteriormente perpassava todas as esferas da existência, no novo cenário, foi perdendo esse lugar, passando por uma profunda e complexa travessia rumo à subjetividade dos indivíduos.

É importante ressaltar que não há secularização no singular, trata-se de processos de secularização (BERGER, 2001) Cada contexto, a partir das suas múltiplas variantes, recepciona, de forma singularizada, esses processos. Durante muito tempo, compreendeu-se a secularização como um processo uniforme, pelo qual passariam todas as culturas nas quais a modernidade chegasse e chegaria, inevitavelmente, trazendo o fim da religião, ficando, apenas, alguns dos seus elementos éticos. Porém, essa concepção uniforme da secularização foi profundamente questionada no final do século XX e hoje, compreende-se que, o que se chama de secularização, na verdade, são múltiplos processos, dependendo do contexto no qual ele se realiza (BERGER, 2001). Em alguns lugares do mundo, a secularização, de fato, foi se manifestando como a diminuição da experiência religiosa e a sua relativização, como no caso da Europa central. Há outros lugares, no entanto, nos quais, a secularização não se manifestou como a perda da esfera religiosa. O que se observa, é a sua perda de lugar de regulação na

esfera pública e na vida dos indivíduos. As pessoas continuam sendo religiosas, mas as instituições vão perdendo, cada vez mais, o seu papel de gerenciar a forma de crer do fiel. Enquanto a instituições perde o seu lugar de regulação, a religião vai sendo, cada vez mais, algo de foro íntimo. Ela migra para as subjetividades, em um momento de profundo subjetivismo, gerando uma atmosfera onde cada um crer "do seu jeito", gerando múltiplos arranjos da fé (HERVIEU-LÉGER, 2008), a partir das suas demandas subjetivas (LUCKMANN, 2014).

1 A MODERNIDADE E A INEVITÁVEL CRISE DE SENTIDO

As subjetividades, em tal contexto, exercem um papel fundamental na estruturação do atual cenário religioso. Ele não pode ser compreendido de forma isolada e descontextualizada. A própria modernidade trouxe no seu bojo uma pluralidade de ofertas de sentido, que caracteriza a cultura contemporânea, onde nenhuma oferta tem mais, sozinha, condições de se autodefinir como a única possível, padrão e norma para todos.

A cultura contemporânea, com os seus processos migratórios, suas revoluções tecnológicas e os novos meios de comunicação social, gerou uma cultura cada vez mais plural, na qual, diferentes cosmovisões têm que conviver juntas. Inclusive culturas que, historicamente, foram inimigas durante séculos, agora devem conviver no mesmo bairro, frequentar as mesmas escolas... etc. A cultura é vista como um grande mercado de ofertas de sentido, no qual, nenhuma oferta possui mais um lugar normativo, de exceção. Cada oferta se apresenta e concorre entre si, na disputa por hegemonia na sociedade (BERGER; LUCKMANN, 2004). Se antes, os indivíduos herdavam culturalmente papéis sociais e eram, quase que, obrigados a repeti-los, como fizeram seus antepassados, no mundo moderno, plural, os indivíduos estão diante de um "menu", complexo e diversificado, de ofertas de sentido, para as várias esferas da existência (BERGER; LUCKMANN, 2004).

Neste cenário, o indivíduo está "condenado" a fazer escolhas, já que

não há mais um modelo que tenha plausibilidade social suficiente para se impor como norma. Porém, para muitos, a necessidade permanente de fazer escolhas e ter que correr os riscos das escolhas feitas, sem a garantia do seu êxito, gera, em muitos, uma profunda crise, oriunda dessa insegurança de ter que decidir, construir a sua própria plausibilidade para a existência, sem as garantias que a cultura tradicional, com os seus modelos herdados culturalmente, davam, mesmo que ilusoriamente, aos indivíduos (HALL, 2014).

Tal contexto gera, inevitavelmente, para muitos, uma profunda crise de sentido. Não se trata de uma crise universal e coletiva de sentido, o que tornaria impossível a existência humana. De alguma forma, circula sentido(s). Mas, quando falamos em crise, temos presente que se trata da crise de "um único sentido coletivo", para a sociedade e, consequentemente, para as construções subjetivas. Tal cenário faz com que muitos vivam essa experiência com profunda insegurança ou frustração, frente às promessas que a modernidade fez.

Na pluralidade de ofertas de sentido, que tende, cada vez mais, a ser radicalizada, na contemporaneidade, alguns vivem, diante da pluralidade de ofertas, "como corpos sem gravidade", incapazes de gerar laços sociais duradouros e de construírem impactos pessoais e coletivos. Vivem como corpos sem gravidades (LEBRUN, 2008), flutuando no *pot-pourri* da pluralidade contemporânea. Na embriagues do seu gozo (LEBRUN, 2004), vivem juntos, sem os outros. A vida é uma permanente relativização de tudo e de todos. Paradoxalmente, quanto mais "livres", mais tristes.

Outros, por sua vez, diante da insegurança que a pluralidade provoca, na medida em que exige que cada um construa, sem garantias previas, a sua estrutura de sentido, pessoal e coletiva, tendo que fazer opções e correr riscos, a partir das opções que fez ,já que não há mais o "modelo único" a ser repetido por todos, batem em retirada imaginária para o passado, buscando "lá" "alicerces sólidos", "seguros", "ortodoxos", mesmo que imaginários, na maioria das vezes, para suportar a dureza de uma sociedade cada vez mais de riscos.

Já que não há a "modelos sólidos", que me deem a "certeza", de que as opções que faço me trarão a felicidade e a própria decepção com as promessas do otimismo antropológico moderno não realizadas e colocadas profundamente em crise, a partir da Segunda Guerra Mundial, na segunda metade do século 20, tem provocado em muitos, o que Zigmunt Bauman chama de "retrotopia" (BAUMAN, 2017).

2 O FUNDAMENTALISMO COMO REAÇÃO DE DEFESA ÀS AMEAÇAS DOS RISCOS DA DECISÃO NA CONTEMPORANEIDADE

A sociedade contemporânea é marcada pela necessidade de fazermos escolhas, diante da pluralidade de ofertas de sentido, como já foi visto anteriormente, e essa necessidade permanente de fazer escolhas, provoca, em muitos indivíduos, uma insegurança, diante dos riscos que toda escolha contém.

No mundo plural, não há certeza *a priori* de que a decisão tomada pelo indivíduo lhe trará a felicidade. É sempre um risco. Toda decisão inclui nela sempre uma cisão um corte, uma perda. Algo tem que cair, alguma parte tem que ceder. A de-cisão impõe, a cada um de nós, sempre um limite e, com ele, também um risco, já que não há uma certeza *a priori* de que a de-cisão tomada é o melhor caminho para a existência do indivíduo.

Numa cultura tradicional, haviam modelos sólidos e, copiando esses modelos, nós tínhamos, até certo ponto, uma segurança de que esses modelos repetidos nos dariam a felicidade, que outros tiveram, antes de nós. Na sociedade atual, plural, competitiva, no embate das ofertas de sentido, os indivíduos encontram-se confrontados com a multiplicidade dessas ofertas, cada uma com suas estratégias próprias, oferecendo sentido para a existência. Nesse contexto, temos sempre que fazer opções, tomar de-cisões e toda decisão inclui, sempre, um processo de crise de acrisolamento, de purificação, de corte. Diante de tal fato, muitos, por insegurança, por não suportarem o risco que a liberdade os impõe, batem em retirada para os "tempos de ouro", tempos míticos. Um passado idealizado, no qual as

certezas estariam garantidas, onde não seria necessário fazer escolhas, tomar de-cisões, porque elas já estavam, a priori, determinadas.

Essa tendência se observa nos grupos fundamentalistas. Uma relação mítica com o passado, uma idealização descontextualizada. Observa-se uma profunda insegurança e, muitas vezes, uma agressividade frente à contemporaneidade e um saudosismo profundo em relação ao passado. Saudade de um passado imaginário, harmônico no qual os ideais, os valores, os princípios e o certo errado estavam seguramente já pré-determinados.

Do ponto de vista psíquico e antropológico, por trás dessa postura, entre outras coisas, além de um profundo narcisismo como a psicanálise pode mostrar, há, também, uma reação de fuga como defesa, da complexidade da realidade contemporânea, buscando essas certezas ilusórias. Ou seja, por trás de grupos e de pessoas há, entre outras coisas, uma insegurança psicológica profunda, na estrutura dessa experiência. A rigidez é sintoma da fragilidade que carregam. Claro há várias motivações, que o limite desta reflexão não nos permite explorar, para além da insegurança. Há também a de uma projeção negativa de um desejo que se manifesta como agressividade frente a um outro, que manifesta justamente aquilo que, interiormente, eu luto dentro de mim para me defender.

Outro aspecto é o que Zigmunt Bauman chama de retrotopia (BAUMAN, 2017). Diante das decepções das ofertas de felicidade profetizadas pela primeira modernidade e colocadas profundamente em cheque a partir da segunda metade do século XX. O projeto moderno não realizou suas promessas fundamentais, ao menos como foi pensado e profetizado no primeiro momento. Também o fim da polaridade marcada, simbolicamente, pelo "Muro de Berlim", entre capitalismo e socialismo não mostrou, até o momento, a superação dos conflitos mais estruturais da sociedade e os anseios de emancipação e liberdade, contidos na sociedade. Tudo isso vai provocando, em muitos, uma decepção, uma certa "orfandade das utopias" modernas, provocando um "retorno" (imaginário) ao passado, na ilusão o no desejo de que "lá, sim", estaria a realização desses sonhos. Por isso, a necessidade de repropô-los na

contemporaneidade.

Do ponto de vista do cristianismo, especificamente do catolicismo, é muito interessante e complexo, no campo religioso católico, no que se refere ao fundamentalismo, observar grupos profundamente "anti-modernos" com uma postura profundamente pós-moderna, travestida de devocionismo e de uma certa rigidez, em nome de uma pseudo fidelidade à ortodoxia, mas que possuem uma relação profundamente relativista, frente à própria instituição Igreja Católica. Pessoas de comunhão diária, com uma preocupação excessiva de "fidelidade à doutrina", mas, ao mesmo tempo, com uma profunda agressividade e ou indiferença à própria Igreja, compreendida teologicamente enquanto o Corpo Místico de Cristo, em relação às suas estruturas hierárquicas, à figura do Papa e dos bispos. Ou seja, se é ortodoxo, mas "do seu modo". É ortodoxo o que me interessa ou ao meu grupo. Isso é assumido com rigidez e defendido, muitas vezes, a partir de uma espiritualidade bélica. Ao mesmo tempo em que se relativiza e se combate, em certos casos, elementos fundamentais da própria ortodoxia. E o que Danièle Hervieu-Léger (2008) observa como as novas formas de crer em tempos de desregulação da fé. Ou seja, observa-se cada vez mais uma "bricolagem" ou um "*self service*" em relação à ortodoxia. É a ortodoxia "ao meu modo", a partir dos desejos, dos sonhos, mas também dos medos e das angústias do meu grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo de pesquisa é fértil e complexo, tanto nas áreas das Ciências da Religião, quando na de Teologia. A agenda dos estudos das dinâmicas dentro do campo do catolicismo não poderá fugir deste debate que cada vez mais se instaura e pode ser observado no embate públicos de vários grupos fundamentalistas no seio da própria Igreja.

A Igreja católica vinha perdendo a hegemonia da cultura ocidental desde o século XVI, com a Reforma. Agora observa-se, a partir do início do século XXI, também a perda da hegemonia no seu discurso interno. Cada

vez mais, grupos de clérigos e leigos se rebelam em explícita oposição ao discurso das autoridades oficiais da Igreja. O paradoxo é que se sentem profundamente ortodoxos e defensores da verdade, em uma postura de relativização ao mesmo discurso oficial da Igreja. Realmente, pode-se observar uma "guerra" simbólica no seio da própria instituição.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*. A orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, v. 21, nº. 1, 2001, p. 09-23.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido*. Religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEBRUN, Jean-Pierre. *O homem sem gravidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

LEBRUN, Jean-Pierre. *Um mundo sem limite*. Ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LUCKMANN, Thomas. *A religião invisível***.** São Paulo: Olho D'Água; Loyola, 2014.